

HISTÓRIA

Coordenador: Maj J. MIRANDA CARVALHO

POR TRÁS DA REVOLUÇÃO DE MAIO

ARGENTINA, 1810

CARLOS O. STOETZER

No dia 25 de maio, a Argentina vai comemorar, com entusiasmo e solenidade, mais um aniversário dos acontecimentos que abalaram o Rio da Prata em 1810 e acenderam os fogos da independência nacional. A instalação do Vice-Reinado do Rio da Prata, em 1776, fôra considerada uma medida destinada a proteger a posição espanhola contra a crescente intervenção dos portugueses. Pouca gente poderia então prever que, em menos de cinqüenta anos, o país estaria preparado para lutar por sua independência, pois foram os argentinos nativos, e não a coroa espanhola, que adquiriram força com a nova situação.

Antes de 1776, tôda a América Espanhola fôra dividida em três Vice-Reinados apenas, cobrindo vastos territórios onde as dificuldades de viagem embaraçavam a administração. O Vice-Reinado da Nova Espanha, fundado em 1535, abrangia o México, a América Central e as Antilhas; o Vice-Reinado do Peru, criado em 1542, compreendia o Peru prôpriamente dito, o Alto Peru (Bolívia), o Paraguai, o Chile e o Rio da Prata; e a Nova Granada, fundada em 1718, abrangia a área da moderna Colômbia, o Equador e a Venezuela. Buenos Aires, situada a muitos meses de viagem da sede do Vice-Reinado em Lima, começara a representar um papel cada vez mais importante, em consequência de sua crescente riqueza agrícola e do seu desenvolvimento comercial e industrial. Mas, o comércio exterior legal tinha que ser canalizado através de Lima, embora naturalmente florescesse o contrabando. Aí estava um campo fértil para o movimento de independência que fermentava em tôda a América Espanhola.

O Rei Carlos III, que reinou de 1759 a 1788, e a quem Cecil Jane chamou de Diocleciano da Espanha, precipitou involuntariamente a libertação da América Espanhola. O advento dos Bourbons ao trono espanhol em 1700 abriu novos horizontes ao país, e trouxe à Espanha e seu império o espírito europeu generalizado na época, em ritmo muito mais rápido do que provavelmente teria ocorrido sob o domínio dos Hapsburgos espanhóis. Friedrich Heer descreve a situação como uma dupla Espanha: uma, a Espanha inflexível e conformista, em que o Rei e a aristocracia viviam em profundo acôrdo com as classes inferiores, "cujo caos interior era dominado, assegurado e glorificado pelo ascetismo, a clausura, as cerimônias da Côrte, a Inquisição e o absolutismo, uniu-se pouco depois contra a "outra Espanha", um punhado de intelectuais, sábios e artistas, que havia três séculos vinham mantendo vivo o legado da *intelligentsia* judaico-mourisca do "Mundo dos Três Círculos", herança da reforma cisneriana e erasmica".

O Despotismo Esclarecido que Carlos III, o quarto rei Bourbon, levou ao auge na Espanha, provocou em outros países da Europa muitas modificações características da época. Longe de ser liberal ou democrático, o Século XVIII representou na Espanha a maior exaltação do despotismo monárquico, numa verdadeira imitação de Frederico, o Grande, e seus modelos franceses. A nobreza viu-se hostilizada, a autonomia das universidades foi liquidada, as guildas destruídas, tudo pelo avanço da ciência e do progresso, em nome da razão e da natureza.

As medidas que os Bourbons introduziram na América Latina iam diretamente contra as tradições do povo. Seguindo o sistema francês de centralização, as colônias do Novo Mundo deveriam ser administradas diretamente de Madri. Anteriormente muitos altos postos administrativos eram ocupados por civis hispano-americanos, sob o novo sistema francês, muitos militares foram mandados de mãe-pátria para servir no exterior como *intendentes* regionais. Na primeira metade do Século XVIII, surgiu uma nova casta de administradores militares da Península, altamente despóticos e ansiosos por encherem os próprios bolsos. Os novos processos mercantis adotados eram prejudiciais ao comércio e à indústria da América Espanhola. Na própria Espanha, um pouco mais tarde, verificou-se o triste espetáculo do rei rodeado de favoritas e bajuladores como Manuel Godoy, o Marquês de Caballero e Pedro Ceballos. Esse processo chegou ao auge quando os jesuítas foram expulsos de terras espanholas, em 1767, providência lógica, uma vez que as suas teorias políticas de soberania popular e direito de rebelião eram altamente antagônicas ao Despotismo Esclarecido dos Bourbons. Também logicamente, eram proscritas as teorias filosóficas de Francisco Suárez, Juan de Mariana e Luis Molina.

Uma velha instituição democrática, o *cabildo*, ou conselho municipal, desempenhou papel importante ao romper o domínio lentamente estrangulador da pátria-mãe. O *cabildo* medieval espanhol compunha-se de cidadãos escolhidos pela cidade, e era a mais alta autoridade local quando não se achava presente um representante do rei. Durante a

Renascença na Espanha, fôra reduzido a uma sombra da glória que conhecera nos Séculos XII e XIII. Trazido para as Índias pela Conquista Espanhola, recuperara o seu vigor durante o Século XVI. Até o reinado de Felipe II (1556-1598), voltou a representar na América os velhos conceitos castelhanos da liberdade política.

Os bascos e os castelhanos do norte, que chegaram em número crescente durante o Século XVIII, trouxeram outra vez nova força ao **cabildo**. Vinham de uma terra onde nunca haviam morrido as tradições de liberdade política. Os imigrantes anteriores provinham, em grande parte, da Extremadura e da Andaluzia e se interessavam principalmente pela agricultura e pela mineração. Os novos imigrantes dedicavam-se a carreiras administrativas e comerciais, e não tardaram a adquirir grandes lotes de terras. Durante o Século XVIII, conseguiram forte influência no **cabildo**, principalmente depois que Felipe V ordenou, em 1703, a concentração de todos os espanhóis nas cidades. Deram êles novo prestígio e influência ao conselho municipal, tornando-o um ponto de convergência dos ressentimentos que a sociedade colonial nutria pelas autoridades reais. Enquanto as autoridades centrais se mantinham estagnadas, na América Espanhola, a administração local gozava de um novo vigor. É na vitalidade das instituições locais que se encontra a verdadeira vida política de um povo, lembrou-nos Toynbee, ainda recentemente.

A medida que os **cabildos** se fortaleciam, o abismo entre os cidadãos nativos e o governo espanhol continuava a alargar-se. Os conselhos municipais alcançavam êxito cada vez maior em afastar do governo local os espanhóis da Península. Enquanto isso, a política de Madri reservava os altos cargos do Novo Mundo exclusivamente às autoridades peninsulares.

A invasão da Espanha por Napoleão, em 1808, e a abdição de Fernando VII serviram de estopim à revolução do Rio da Prata. Os britânicos haviam invadido Buenos Aires em 1806, e isso provocara grande confusão política. O Vice-Rei, Marquês de Sobremonte, fugira alarmado para o interior de Córdoba, mal ouvira falar no avanço britânico, e deixara a defesa da cidade entregue a Santiago de Liniers, um francês a serviço da coroa espanhola. Os britânicos entraram em Buenos Aires, que era então uma cidade de cerca de 55.000 habitantes, no dia 26 de junho. Com o auxílio de um contingente local recrutado por Juan Martín de Pueyrredón, Liniers conseguiu expulsar os britânicos no dia 12 de agosto. Estando o Vice-Rei em fuga, a cidade não tinha chefe de governo. O povo se reunia num **cabildo abierto**, do qual todos podiam participar. Era a primeira experiência que tinham de independência de ação, e isso era coisa que provavelmente nunca mais esqueceriam.

Os britânicos atacaram outra vez em 1807, tomando Montevidéu, em 3 de fevereiro. Novamente Sobremonte se pôs em fuga. Passada uma semana, o Conselho de Buenos Aires depôs Sobremonte, que foi prêso, e a **audiência**, um conselho que representava o grau seguinte

de autoridade legal, assumiu o govêrno e a defesa da cidade. Esse ato de ousadia foi chamado "a primeira centelha da revolução jurídica da América Espanhola". Liniers, lutando contra fôrças muito mais numerosas, pôs-se em marcha para enfrentar os atacantes britânicos, e foi derrotado. Mas o prefeito, Martin Alzaga, organizou tão bem a defesa que o General Whitelock foi forçado a bater em retirada. O êxito da defesa da cidade infundiu aos argentinos confiança e nova coragem para os próximos grandes passos no sentido da independência.

Era a véspera da Revolução. O último Vice-Rei do Rio da Prata, Baltasar Hidalgo de Cisneros, chegou em 1809. Chefiados por Cornélio de Saavedra, Mariano Moreno, Juan José Castelli e Manuel Belgrano, os **criollos** forçaram o novo Vice-Rei a convocar outra reunião geral do povo no dia 22 de maio de 1810. Essa reunião famosa teve um efeito decisivo. O povo de Buenos Aires passou a reivindicar sua soberania, e três dias depois, em 25 de maio, o novo Vice-Rei foi deportado e o govêrno entregue a nova junta de cidadãos nativos.

A reivindicação da soberania popular baseou-se num argumento interessante. Segundo a teoria da transladação (**pactum translationis**), dos últimos filósofos escolásticos, quando o trono vaga a autoridade reverte ao povo. O **cabildo** sustentava que a vassalagem das Índias era um laço que os unia, não à Espanha como nação, nem ao povo espanhol, mas à Coroa, ao legítimo rei de Castilha e León. Fernando VII havia renunciado ao trono espanhol em maio de 1808. O povo espanhol não reconhecia José Bonaparte como seu rei, e as guerrilhas se estenderam por todo o país. Formaram-se **Juntas** através da Espanha, em apoio de Fernando. **Juntas** foram construídas, também, nos territórios americanos. Em Buenos Aires, o conselho municipal alegara que, uma vez vago o trono, o laço político entre a monarquia espanhola e as colônias estava rompido para sempre, e os representantes de um poder monárquico inexistente não tinham direito à autoridade política. A comunidade do próprio povo, o repositório da soberania, tinha que designar a autoridade legítima.

O rompimento com a Espanha era um fato consumado, mas restava um longo e difícil caminho a percorrer. Havia uma luta interna pelo contrôle do destino do país, e o resultado foi uma anarquia jacobinista até 1813. Venceu o grupo que Ingenieros chamou da ala esquerda, chefiada por Moreno, Castelli e Belgrano, e que advogava uma modificação completa no regime político.

Apesar dos movimentos de independência em várias frentes, os monarquistas tinham ainda muito poder na América espanhola para que a junta de Buenos Aires pudesse proclamar formalmente a independência. Os portugueses eram outra fonte de perigo. Do Brasil, onde estava exilada, a Rainha Carlota Joaquina, de Portugal, irmã de Fernando VII, aspirava à criação de uma monarquia independente no Novo Mundo. Seus partidários em Buenos Aires conspiraram sem resultado, em 1812, para derrubar o govêrno local. Em 1814, os monarquistas espanhóis — Calleja, na Nova Espanha; Morillo, em Nova

Granada e Marcó del Pont, no Chile — tinham recuperado a quase totalidade do território que os patriotas hispano-americanos haviam controlado durante breve período.

Em 9 de julho de 1816, a independência das Províncias Unidas do Rio da Prata foi declarada num congresso geral reunido em Tucumán, mas as campanhas militares de San Martín e seu Exército dos Andes eram ainda necessárias para destruir o poder monárquico no Peru, no Chile e no Alto Peru, enquanto Bolívar tinha que chefiar a luta no norte.

Muitas vezes se tem afirmado que a ideologia da Revolução de Maio era uma imitação da Revolução Francesa e das idéias de Jean Jacques Rousseau. Embora seja inegável a influência da ilustração francesa, não foi nem a única, nem a mais importante. O contrato social de Rousseau, no Século XVIII, havia descartado a teoria de uma relação contratual direta entre o povo e o governante. Mas, a teoria política da Revolução de Maio se origina do filósofo neo-escolástico do Século XVI, Francisco Suárez, que sustentava existir, de fato, um contrato entre o povo e o governante. Só depois de haver o **cabildo** deposto Sobremonte, em 22 de maio de 1810, é que se fizeram sentir as influências de John Locke, Pufendorf e Rousseau.

Os modernos estudiosos do assunto estão corrigindo a antiga idéia errônea de que a Revolução de Maio foi uma ruptura profunda e total com a Espanha e tudo que ela representava. A obra de Manuel Giménez Fernández, Guillermo Furlong, Ricardo Levene, Atilio dell'Oro Maini, Jaime Eyzaguirre, Julio Alemarte e outros nos proporcionou uma interpretação nova e mais perfeita da história: a Revolução de Maio teve sua origem na velha tradição política, autenticamente espanhola, que surgiu do ideal do bem comum no Cristianismo medieval, e na grande mensagem de liberdade, justiça e caridade dos neo-escolásticos.

DEVER MILITAR E POLÍTICA PARTIDÁRIA

UM LIVRO PARA MILITARES E CIVIS

pelo

MARECHAL E. LEITÃO DE CARVALHO

Livraria Civilização Brasileira

Cr\$ 250,00

RUA 7 DE SETEMBRO, 97

RIO DE JANEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA MINATTI

JACOB BARTHOLOMEU MINATTI

Ferragens em geral, louças, talheres, armas e munições. Fábricas das afamadas Foices Palmeira, Leão e Super-Foice Minatti. Serralheria em geral, Portas de aço e portões. Forninhos, dobradiças para mourões, ferragens para construções e demais artigos para indústria e lavoura.

Matriz — Londrina: Rua Mato Grosso, 397 — C.P. 82 — Tel. 398
End. Teleg. "Jabarmin" — Ofic. R. S. Catarina, 170 — Tel. 399

Filial: Ibioporã — Avenida Sertanópolis, 168.

IRMÃOS FRUGANTI S.A.

COMÉRCIO — EXPORTAÇÃO — IMPORTAÇÃO

Matriz: São Paulo: Rua Lopes Chaves, 261 — Telefones: 52-2942 e 51-1496

Filial de Londrina: Alameda Manoel Ribas, 74-1º and — Telefones: Gerência 1365 — PBX — 1360 — ESTADO DO PARANÁ

Filial de Maringá: Avenida São Paulo, 457 — Telefone: 1863
ESTADO DO PARANÁ

CASA ADRIANINO

— DE —

DELFINO MAURÍCIO S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FOGOS PARA FESTEJOS EM GRANDE ESCALA — VENDAS
POR ATACADO E A VAREJO

ARMAS E MUNIÇÕES — PÓLVORAS PARA PEDREIRAS
— DINAMITE E ESTOPIM

RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO N. 1684 — Tel. ns. 186 e 414
NOVA IGUAÇU ESTADO DO RIO
